



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia – FAENG
Curso de Graduação em Geografia

ENZO BEAL LOPES

ESPECIALIZAÇÃO DAS HORTAS URBANAS DE CAMPO GRANDE (MS)

Campo Grande - MS

2024

[Digite aqui]

ENZO BEAL LOPES

ESPECIALIZAÇÃO DAS HORTAS URBANAS DE CAMPO GRANDE (MS)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado, em forma de artigo,
ao Curso de Graduação em
Geografia, da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul,
como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Paula
Correia de Araujo

Campo Grande - MS

2024

[Digite aqui]

ENZO BEAL LOPES

ESPECIALIZAÇÃO DAS HORTAS URBANAS DE CAMPO GRANDE (MS)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Paula Araujo (presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Flávia Akemi Ikuta
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Geógrafa MSc. Luana Moura
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande - MS

2024

[Digite aqui]

Lopes, Enzo

Espacialização das hortas urbanas de Campo Grande (MS) / Enzo Lopes. Campo Grande: FAENG/UFMS, 2024. (Graduação em Geografia).

15p.

1. Agricultura urbana. 2. Espacialização 3. Sustentabilidade 4. Alimento de qualidade diferenciada. 5. Agroecologia

[Digite aqui]

ESPECIALIZAÇÃO DAS HORTAS URBANAS EM CAMPO GRANDE (MS)

Enzo Lopes
Ana Paula Araujo (orientadora)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo catalogar, mapear e analisar a distribuição espacial das hortas urbanas existentes no município de Campo Grande (MS). A metodologia empregada foi qualitativa e envolveu revisão bibliográfica sobre a temática proposta, análise documental e levantamento, catalogação e mapeamento das hortas urbanas de Campo Grande (MS). Os resultados indicam que as hortas urbanas de Campo Grande estão espacialmente descentralizadas, praticadas em espaços periféricos fragilizados pela pobreza, em consonância com os objetivos do Plano Municipal de Agricultura Urbana. Isso se explica pelo valor do solo urbano e pela maior facilidade de áreas disponíveis para a produção, com a possibilidade de geração de emprego e renda para a população, produção de alimentos de qualidade diferenciada, através de sistemas agroecológicos, valorização ambiental e da saúde humana, fortalecimento comunitário e resgate do conhecimento sobre plantas. Das sete regiões urbanas de Campo Grande, seis possuem hortas. Dentre os bairros, destaque para o São Conrado, o Los Angeles, a Mata do Segredo e a Chácara dos Poderes.

Palavras-chave: Agricultura urbana, espacialização, sustentabilidade, alimento de qualidade diferenciada, agroecologia.

Abstract: This work aims to catalog, map and analyze the spatial distribution of urban gardens in the municipality of Campo Grande (MS). The methodology used was qualitative and involved a bibliographic review on the proposed theme, documentary analysis and survey, cataloguing and mapping of urban gardens in Campo Grande (MS). The results indicate that the urban gardens of Campo Grande are spatially decentralized, practiced in peripheral spaces weakened by poverty, in line with the objectives of the Municipal Plan for Urban Agriculture. This is explained by the value of urban land and the greater ease of areas available for production, with the possibility of generating employment and income for the population, production of food of differentiated quality, through agroecological systems, environmental and human health valorization, community strengthening and recovery of knowledge about plants. Of the seven urban regions of Campo Grande, six have vegetable gardens. Among the neighborhoods, São Conrado, Los Angeles, Mata do Segredo and Chácara dos Poderes.

Keywords: Urban agriculture, spatialization, sustainability, differentiated quality food, agroecology.

[Digite aqui]

Introdução:

A agricultura urbana (AU) e periurbana (AUP) é todo tipo de agricultura praticado dentro do perímetro urbano de uma cidade, cujas atividades são desenvolvidas dentro e nos arredores da cidade (FAO, 2012).

Esse modelo produtivo tem por características a produção de alimentos, seja para o consumo interno e venda de excedentes, seja para comercialização. É uma atividade praticada em áreas reduzidas como terrenos, públicos, privados e cedidos, praças e escolas, sendo que sua mão de obra predominante é a familiar. Segundo Araujo e Bicalho (2024, p.1), a agricultura urbana é importante, pois envolve geração de trabalho e renda para a população urbana, sobretudo, quando praticada nos espaços periféricos pobres das cidades e, ainda, atinge a segurança alimentar e nutricional, o resgate do conhecimento sobre plantas, a saúde pública, a valorização do lixo por meio da compostagem e a educação ambiental, além de que no exercício da cidadania, pode fortalecer os laços comunitários. Como utiliza, predominantemente, sistemas agroecológicos, as hortas urbanas contribuem produção de alimentos de qualidade diferenciada.

A atividade cresce no Brasil nos últimos trinta anos em função da necessidade de segurança alimentar e redução da fome. No município de Campo Grande (MS), a expansão da agricultura urbana é igualmente recente, amparada pela Lei 6.514 de 22 de outubro de 2020. A Lei 6.514 foi regulamentada pelo Decreto 14.874, de 26 de agosto de 2021, que instituiu o Plano Municipal de Agricultura Urbana de Campo Grande (MS), com foco na agroecologia e na segurança alimentar (Araujo e Bicalho, 2024).

Esse trabalho tem por objetivos catalogar, mapear e analisar a distribuição espacial das hortas urbanas na cidade de Campo Grande (MS), capital do estado de Mato Grosso do Sul.

É crescente o interesse dos estudos sobre hortas urbanas e isso se explica pela importância dessas hortas para a sustentabilidade econômica, ambiental, cultural e social.

Importante destacar, que esta pesquisa faz parte de um projeto maior de estudos, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, sobre sustentabilidade rural, produção de alimentos de

[Digite aqui]

qualidade diferenciada, agroecologia e agricultura urbana no estado de Mato Grosso do Sul, desenvolvido desde 2018, em parceria entre o Laboratório de Estudos Rurais e Regionais da Faculdade de Engenharia Arquitetura e Urbanismo e Geografia - FAENG/UFMS e o Grupo de pesquisa Cultura, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - PPGG/UFRJ. Para realização da pesquisa sobre a distribuição espacial de hortas urbanas, a bolsa de Iniciação Científica - PIBIC/UFMS, permitiu a permanência na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a dedicação integral aos estudos.

Metodologia

A metodologia da pesquisa é qualitativa. A opção pela pesquisa qualitativa se deu pela possibilidade de analisar, em detalhes e em profundidade, a espacialização das hortas urbanas de Campo Grande (Flick, 2009). Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram realizados em quatro etapas.

A primeira etapa metodológica que norteou a pesquisa foi à revisão bibliográfica, apontada por Gil (1999) como base para o aprofundamento teórico-conceitual. Nessa etapa houve leitura de artigos sobre a temática proposta.

A segunda etapa envolveu a análise documental, notadamente, a legislação sobre agricultura urbana de Campo Grande. Foram analisadas a Lei Complementar n. 341, de 4 de dezembro de 2018, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Campo Grande (PDDUA), a Lei 6.514 de 22 de novembro de 2020, que institui o Plano Municipal de Agricultura Urbana de Campo Grande (MS), e o Decreto 14.874 de 26 de agosto de 2021, que regulamenta a Lei 6.514.

Na terceira etapa metodológica da pesquisa houve coleta, tabulação e análise de dados de campo. O levantamento inicial dos dados, endereço e coordenadas geográficas, foi obtido on line através do Google Maps. Em seguida, os dados obtidos on line foram conferidos e validados *in loco*. Após a validação dos dados, houve a catalogação das hortas, com os endereços, as coordenadas geográficas, os nomes dos produtores responsáveis e os telefones. A tabulação dos dados de campo foi realizada em planilha do Microsoft Excel. Essa planilha serviu como base para a construção dos mapas. Foram catalogadas e mapeadas 63 hortas em funcionamento no espaço urbano.

[Digite aqui]

A quarta etapa foi a elaboração dos mapas através do software QGIS. Foram construídos dois mapas com a distribuição espacial das 63 hortas, por regiões urbanas e por bairros da cidade.

Resultados e discussões

O espaço é definido por Santos (1996) como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Segundo o autor, o espaço é percebido como “a materialidade e a vida que a anima” (Santos, 1996, p. 51). Nessa mesma linha de pensamento, o espaço é entendido como forma-conteúdo. Não existe conteúdo sem forma e forma sem conteúdo (Lefévre, 1991 *apud* Araujo, 2006, p. 101).

A partir desta conceituação, a cidade pode ser considerada uma forma espacial dotada de conteúdo específico. Essa forma é fragmentada em diferentes usos que se articulam, refletindo e condicionando a sociedade (Correa, 2001). Esse conteúdo específico pode ser definido a partir dos bairros, das regiões urbanas, das características espaciais da cidade, do modo no qual a cidade se porta mediante seu entorno, nos elementos da paisagem urbana, etc.

No mundo contemporâneo, a paisagem urbana, entendida como espaço visível, de contemplação e de ação (Tuan, 2013), é alterada, e passa a conter novas formas e novas funções, como a agricultura urbana. A partir dessa ideia, é possível perceber que a agricultura urbana pode ser utilizada também como um elemento fundamental da paisagem urbana de uma cidade, já que a mesma exerce funções primordiais para as relações sociais e para o planejamento urbano dentro de um território.

Para Oliveira Neto (2003, p.31), o que convencionamos chamar de globalização implica em transformações na estrutura urbana “aumentando o número, a diversidade e a frequência daquilo que Milton Santos chamou de fixos e fluxos, ou seja, os objetos e as ações”. A globalização simboliza categoricamente uma intensificação dos fluxos urbanos e a complexação da articulação das áreas urbanizadas.

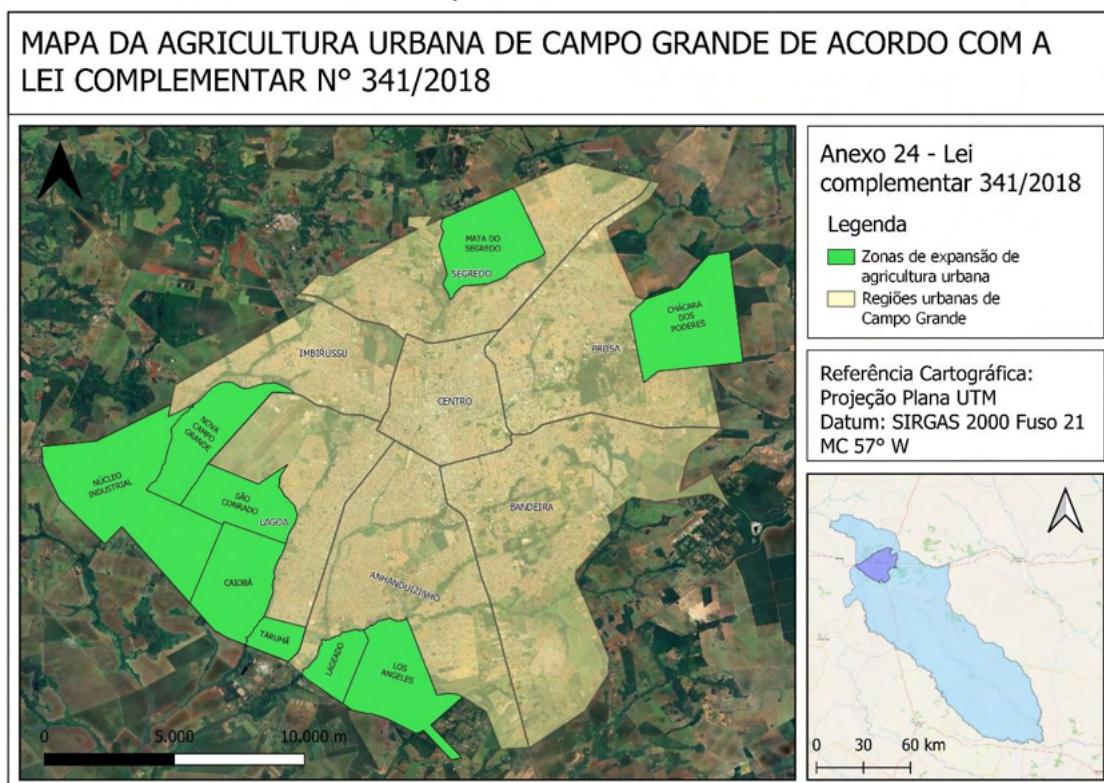
Como essa estrutura não é aleatória e apresenta uma organização coerente com as necessidades do modo de produção capitalista em cada

[Digite aqui]

momento histórico (Araujo, 2006, p.102), observa-se que a agricultura urbana é pensada como instrumento de contenção de segregações socioespaciais que tornam as cidades profundamente perversas.

Não por acaso, a Lei Complementar n. 341, de 4 de dezembro de 2018, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Campo Grande (PDDUA), indica os espaços periféricos fragilizados como prioritários para a expansão das hortas urbanas na cidade (mapa 1).

Mapa 1: Agricultura urbana de Campo Grande (MS), segundo a Lei Complementar 341/2018



Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Grande / PLANURB, 2018.

É útil considerar o sentido desta organização por duas razões. Primeiro, esses espaços precisam de planejamento territorial voltado para o desenvolvimento urbano. Desenvolvimento entendido como “mudança para melhor” (Souza, 2006, p. 61), em termos de qualidade de vida e justiça espacial. Isso implica em satisfação das necessidades básicas e não básicas, materiais e imateriais, e acesso aos equipamentos urbanos para todas as pessoas, independentemente de etnia, renda, portador ou não de deficiência física (Souza, 2006, p. 62).

[Digite aqui]

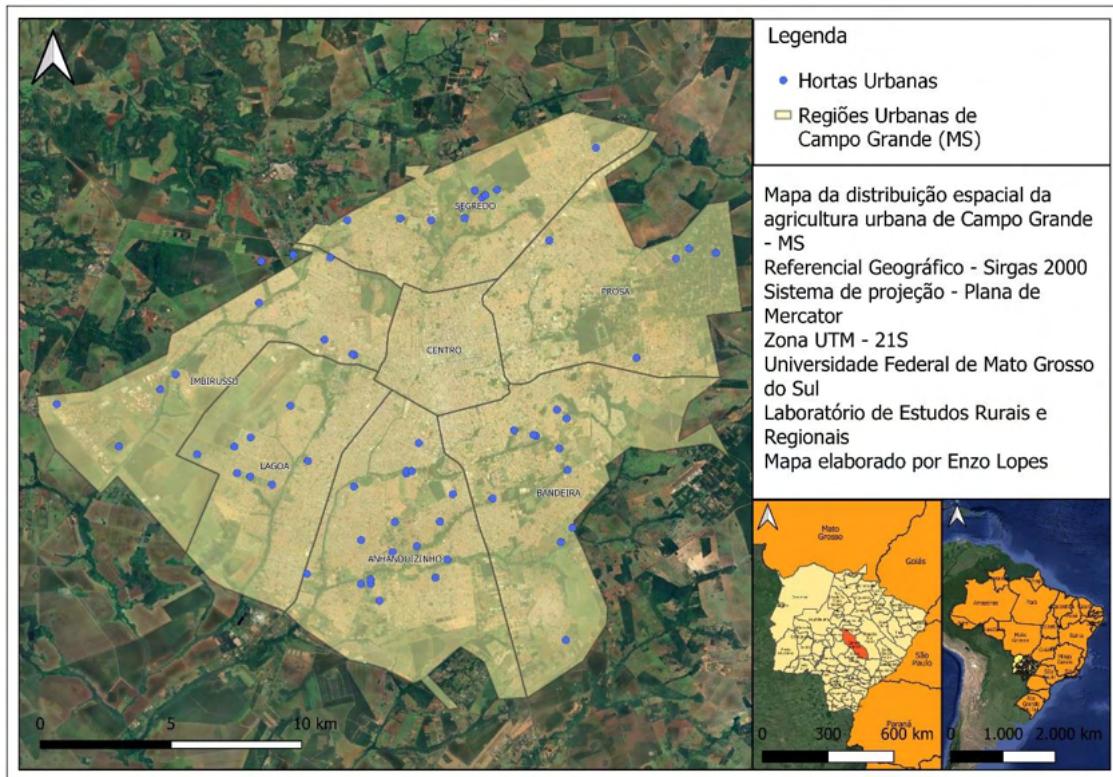
Segundo pelo valor do solo urbano. Carlos (2017, p. 33) afirma que a cidade, enquanto produção humana, possui um processo de organização/reorganização espacial apoiado na valorização fundiária. Esses espaços periféricos são excluídos desse processo o que facilita a utilização de vazios urbanos, públicos, privados e cedidos, para a prática de horta. O espaço é suporte para a produção e fonte de recursos, fornecendo solo, água, energia solar e trabalho humano.

A agricultura urbana de Campo Grande, segundo a Lei 6.514 de 22/10/2020 e o Decreto 14.874 de 26/08/2021, se propõem a contribuir com o desenvolvimento e com a integração de espaços segregados pela pobreza, quando apresenta como objetivos a agroecologia e a melhoria das condições nutricionais e de saúde, de lazer, de saneamento, de interação comunitária, educação ambiental e patrimonial, cuidado com o meio ambiente, função social do uso do solo, geração de emprego e renda, melhoria urbanística da cidade e sustentabilidade.

A Lei 6.514 de 22/10/2020, regulamentada pelo Decreto 14.874 de 26/08/2021, institui o Plano Municipal de Agricultura Urbana. Cabe ressaltar, entretanto, que a agricultura urbana de Campo Grande nasce na década de 1980 em terrenos vazios da cidade (Araujo e Bicalho, 2024). E, por isso, a distribuição espacial das hortas urbanas está contida e, ao mesmo tempo, ultrapassa esse padrão espacial estabelecido pelo Plano Municipal de Agricultura Urbana (mapa 2). Contudo, o princípio da espacialização é mantido, ou seja, as hortas ocupam a periferia fragilizada da cidade.

[Digite aqui]

Mapa 2: Espacialização das hortas urbanas de Campo Grande (MS), por regiões urbanas



Fonte: Trabalho de campo, 2023 - 2024. Elaborado por Enzo Lopes.

O mapa 2 apresenta a espacialização das 63 hortas em funcionamento na cidade. Essa espacialização converge, em parte, com as áreas propostas pelo Plano Municipal de Agricultura Urbana e revela a presença de hortas em seis das sete regiões urbanas de Campo Grande. São elas: Segredo, Imbirussu, Lagoa, Anhanduizinho, Bandeira, Prosa.

Para que haja um entendimento sobre o conceito de regiões urbanas, é possível abstrair da definição de região a ideia base de que uma região é uma área definida mediante o espaço geográfico que reúne características semelhantes e que diferencia este espaço dos demais. Dentro de Campo Grande, é possível encontrar essa definição estudando e analisando as diferentes regiões urbanas que compõem o perímetro urbano e, assim, entendendo suas diferenciações.

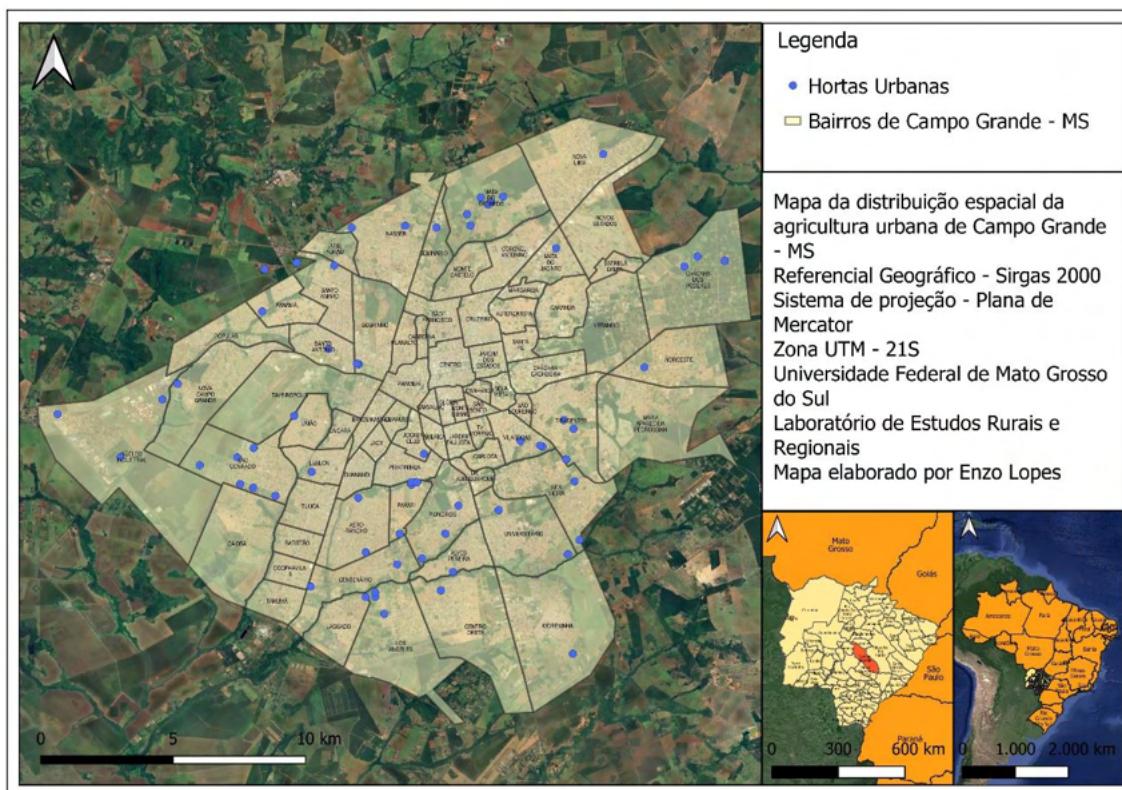
As sete regiões urbanas de Campo Grande são compostas por 79 bairros que definem o perímetro urbano da cidade. Na espacialização das hortas urbanas por bairros é possível destacar o São Conrado e a Mata do Segredo, como os bairros mais numerosos na questão das hortas, e a Chácara dos

[Digite aqui]

Poderes, por ser um bairro com uma formatação diferente dos demais bairros em questão de paisagem urbana, como importantes na produção de alimentos (mapa 3). Esses bairros são realçados, da mesma forma, no Plano Municipal de Agricultura Urbana.

Os bairros São Conrado e Mata do Segredo são os que mais possuem hortas urbanas no quesito quantidade, sendo ambos com 6 cada. Já na Chácara dos Poderes, a estrutura desse bairro é totalmente voltada para uma mistura urbano-rural, o que torna o bairro em um ambiente muito mais plausível para realizar a agricultura urbana.

Mapa 3: Espacialização das hortas urbanas de Campo Grande (MS), por bairros



Fonte: trabalho de campo, 2023 - 2024. Elaborado por Enzo Lopes.

Observa-se a descentralização espacial das hortas urbanas na cidade e isso se explica, como mencionado, pelo valor da terra, pela maior facilidade de obter espaços para a produção e, ainda, pelo crescimento da cidade, tanto espacial quanto demográfico.

Essa distribuição espacial acontece devido a alguns fatores históricos que justificam essa descentralização. Nesse caso, o êxodo rural justifica bem essa

[Digite aqui]

questão, pois a migração campo-cidade ocasionou que as famílias que chegassesem na cidade occasionassem um crescimento horizontal no perímetro urbano, de maneira que essas famílias usaram os vazios urbanos para estabelecer suas hortas e assim, consequentemente, desenvolver a agricultura urbana.

Dentro deste trabalho, várias hortas foram instrumento de pesquisa para buscar o entendimento de como trabalham os agricultores e como a agricultura urbana se manifesta nos diferentes bairros da cidade.

A seguir, uma horta no bairro Jardim Itamaracá, Rita Vieira, região urbana do Bandeira. Horta privada, desenvolvida no quintal da casa, com emprego de sistema agroecológico e mão-de-obra familiar. As técnicas são simples e baratas, como uso de cobertura morta, adubo orgânico e caldas produzidas em casa e que servem como defensivos e fertilizantes. A produção é para consumo interno e venda na porta para vizinhos (figura 1).

Figura 1: Horta urbana agroecológica, bairro Rita Vieira, Campo Grande (MS)



[Digite aqui]

Fonte: trabalho de campo, 2024. Foto: Michela Becker, 2024.

Hortas comunitárias são menos comuns. No Jardim Ouro Preto, bairro Aero Rancho, região urbana do Anhanduizinho, a Associação de Moradores estabeleceu parceria com a Universidade Federal e Mato Grosso do Sul (UFMS) e com a empresa de energia do setor elétrico Energisa. Esse grupo de atores territoriais, atuam em terreno cedido pela empresa, e produzem hortaliças e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) em sistema agroecológico. A mão-de-obra é comunitária e de alunos da UFMS. A produção destina-se as famílias do bairro e a venda de excedentes ocorre na porta da Associação de Moradores (figura 2).

Figura 2: Horta urbana agroecológica, bairro Aero Rancho, Campo Grande (MS)



Fonte: trabalho de campo, 2024. Foto: Enzo Lopes.

Araujo e Bicalho (2024), analisam as hortas urbanas de Campo Grande e revelam que, do total de hortas urbanas, 14% são comunitárias e 86% são privadas. Quanto ao sistema de produção, as autoras indicam que 80% utilizam sistemas de produção agroecológicos e 20% o sistema convencional. Destaque para o cultivo de hortaliças, frutas, ovos, plantas alimentícias não convencionais

[Digite aqui]

(PANC) e pequenos animais, incluindo a meliponicultura, ou seja, produção de abelha sem ferrão.

Ao refletir sobre o espaço urbano de Campo Grande e a espacialização das hortas na cidade, é importante apontar a lógica do capital. Harvey (2014) afirma que as cidades são *lócus* central da atuação capitalista e refletem o seu sentido. O capitalismo, em sua fase neoliberal, intensifica a fragmentação e a segregação. Conforme Silva (2021, p. 5) “as cidades neoliberais são marcadas por muros que isolam as diferenças”.

As hortas, por outro lado, seguem em sentido contrário, e tem como propósito aproximar as pessoas e integrar os espaços. Seja através do circuito curto de comercialização, que favorece o encontro e a troca de conhecimento entre produtor e consumidor, seja pela produção comunitária, que fortalece os vínculos entre vizinhos e o exercício da cidadania, seja pela segurança alimentar e nutricional com a produção de alimentos de qualidade diferenciada, ou pela valorização ambiental e a visão sistemica do ambiente, que fortalece a sustentabilidade da cidade como um todo, a partir da presença de áreas verdes.

Portanto, as hortas urbanas de Campo Grande (MS), representam um caminho e uma oportunidade de repensar o direito à cidade, como um direito coletivo, e isso passa pela superação das condições de segregação e pelo fortalecimento territorial de espaços fragilizados pela pobreza.

Conclusões

As hortas urbanas de Campo Grande (MS) são espacialmente descentralizadas. Sua expansão contribui para a integração e o fortalecimento de espaços periféricos fragilizados e segregados pela pobreza em base sustentável.

A sustentabilidade está presente nas dimensões econômica, social e ambiental na medida em que utiliza os sistemas agroecológicos, produz alimentos de qualidade diferenciada, contribui para a segurança alimentar e nutricional, valoriza a saúde, a geração de emprego e renda, e fortalece a cidadania.

Referências bibliográficas

[Digite aqui]

ARAUJO, Ana Paula. **Pantanal, um espaço em transformação**. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2006. (Tese de Doutorado em Geografia).

ARAUJO, Ana Paula; BICALHO, Ana Maria de Souza M. Agricultura urbana em Campo Grande (MS). In: Cadernos de Agroecologia. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, 2024.

CARLOS, Ana Fani A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In: CARLOS, Ana Fani; ALVES, Glória; PADUA, Rafael Faleiros (orgs.). **Justiça espacial e o direito à cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FAO. **Criar cidades verdes**. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO): Roma, 2012. Disponível em: <https://www.fao.org/3/i1610p/i1610p00.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino de. **Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade**. Presidente Prudente (SP): PPGG/UNESP, 2003. (Tese de Doutorado em Geografia).

CAMPO GRANDE. **Lei 6.514 de 22 de outubro de 2020**. Institui o Plano Municipal de Agricultura Urbana de Campo Grande – MS e dá outras providências. Diário Oficial de Campo Grande: Campo Grande (MS), ano XXIII n. 6.099, 2020. Disponível na internet via <https://bibliotecaagriculturaurbana.mds.gov.br/jspui/handle/123456789/376>. Acesso em 28 de out. de 2024.

CAMPO GRANDE. **Decreto 14.874 de 26 de agosto de 2021**. Regulamenta a Lei n. 6.514, de 22 de outubro de 2020. Diário Oficial de Campo Grande: Campo Grande (MS), 2021. Disponível na internet via <https://bibliotecaagriculturaurbana.mds.gov.br/jspui/handle/123456789/376>. Acesso em 29 de out. de 2024.

PLANURB. **Lei complementar n. 341 de 4 de dezembro de 2018**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Campo Grande (PDDUA) e dá outras providências. Diário Oficial de Campo Grande: Campo Grande (MS), ano XXI, n. 5.426, 2018. Disponível na internet via: <https://prefcg-repositorio.campogrande.ms.gov.br/wp-cdn/uploads/sites/18/2018/12/Lei-Complementar-n.-341-de-4-de-dezembro-de-2018-PDDUA.pdf>. Acesso em 12 de mar. de 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

[Digite aqui]

SILVA, Joaquim Alexandre. **A Geografia do bairro Jardim Noroeste: organização do território e seu sentido.** Campo Grande: UFMS, 2021. (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia).

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. **Mudar a cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina, PR: Eduel ed., 2013.